

VANTAGENS ECONÓMICAS DE MACAU E O SEU APROVEITAMENTO

Wong Hon Keong **

INTRODUÇÃO

Este seminário teve por objectivo discutir como é que a economia de Macau irá aproveitar as oportunidades que se deparam nesta altura pela integração na zona económica do Delta do Rio das Pérolas da Província de Cantão, explorando os privilégios de que Macau dispõe e ultrapassando todas as restrições, de modo a permitir um contínuo desenvolvimento.

Actualmente, a economia de Macau atravessa uma fase cada vez mais austera e cheia de dificuldades, atendendo às ansiosas preocupações manifestadas pela opinião pública. Os optimistas defendem que Macau dispõe dos seus próprios privilégios para o desenvolvimento económico e as dificuldades que se encontram neste momento são temporárias e serão ultrapassadas. O Território tem, portanto, uma boa perspectiva de desenvolvimento. No entanto, o resultado do apelo à exploração das vantagens para resolver os problemas não é relevante. Pelo contrário, eles agravarão progressivamente os problemas internos e externos registados no sector industrial, quando se verificam fracos investimentos e há uma saída volumosa de capitais locais. Além disso, permanecem estagnadas as outras actividades e o problema é que até ao momento ainda não se vislumbrou nenhuma solução, nem se sabe donde provêm as dificuldades. Por isso, apareceu uma outra corrente de opinião, que defende que as ditas vantagens para o desenvolvimento económico de Macau não existem. Embora haja melhoria do ambiente de investimento, as suas deficiências são evidentes comparadas com os territórios vizinhos, conduzindo a uma falta de investimentos estrangeiros e à saída de capitais, situação essa preocupante perante o futuro.

* Intervenção do autor no Seminário «Desenvolver os Privilégios Oferecidos por Macau — Promover o seu Desenvolvimento Económico», realizado pelo Centro de Investigação de Macau da Universidade de Macau, em Agosto de 1995.

** Investigador. Subdirector do Centro de Estudos de Macau da Universidade de Macau.

As opiniões expressas e as atitudes tomadas são parcialmente certas, mas mostram um desconhecimento e uma incompleta compreensão das vantagens de que Macau dispõe, sentindo-se a falta de um estudo concreto e profundo sobre o aproveitamento e a exploração destas vantagens.

O aproveitamento e a exploração das vantagens de Macau pressupõem sempre um pleno conhecimento e um profundo estudo dos mesmos e são eles próprios elementos favoráveis ao desenvolvimento económico, elementos esses relativos e resultantes de comparações. Entre as vantagens, encontram-se os ditos privilégios apenas disponíveis no nosso Território. Por isso, a existência ou não das vantagens implica sempre o seu adequado enquadramento, que é mutável, varia conforme a subjectividade e a objectividade, não é permanente nem produz efeitos espontâneos, mas a sua manutenção e exploração exigem um esforço humano intencional.

Estas vantagens dividem-se em *hardware* e *software*. A primeira é material, enquanto a última depende dos mecanismos e das políticas e só produz efeito quando as duas se harmonizam; caso contrário, verificar-se-ão bloqueios e as vantagens vão enfraquecendo e desaparecem. O seu estudo, o aproveitamento e a exploração necessitam de um método sintético.

Qualquer país, qualquer território, dispõe sempre de vantagens e desvantagens para o desenvolvimento económico, razão essa que mostra a importância da complementaridade de privilégios entre os estados e entre os territórios. Cada um aproveita os seus privilégios e os dos outros para suprir as próprias deficiências e o que está em causa são apenas os níveis diferentes de complementaridade.

Assim sendo, o seu aproveitamento e exploração devem operar-se com base no conhecimento pleno das suas vantagens, criando-se condições favoráveis e conjugando-se as vantagens quer de *hardware* quer de *software*, para que se desenvolvam ao máximo e permanentemente os que não são passivos. Por isso, mesmo que o Território disponha de diversas vantagens para sensibilizar o desenvolvimento económico, o sucesso depende, sem sombra de dúvidas, do estudo e do esforço da criação de condições destinadas à exploração dos mesmos.

Baseado na exposição supracitada, julgo que existem quatro vantagens relevantes no desenvolvimento económico do Território, a saber: (I) Porto Franco; (II) Factor geográfico; (III) Rede comercial e (IV) Factor histórico. São estas que merecem o nosso estudo, a nossa exploração e o nosso aproveitamento.

O PORTO FRANCO

Até à presente data, à excepção de Hong Kong, tanto no Delta do Rio das Pérolas como nos quatro territórios espalhados na zona de desenvolvimento integrado nas margens do Estreito da Formosa, só o território de Macau dispõe do regime de porto franco, e sendo assim,

podemos dizer que esta é a mais forte das vantagens económicas de que Macau dispõe e que tem uma importância crucial para ultrapassar as dificuldades verificadas nesta fase do desenvolvimento económico e na total exploração do papel do porto franco.

No entanto, verifica-se apenas a existência do *software* do porto franco, que é o «regime do porto franco», sem nenhum sistema satisfatório do *hardware* de porto franco, especialmente um porto de águas profundas para barcos transoceânicos de mais de dez mil toneladas. O *hardware* do aeroporto, recentemente concluído, ainda não entrou oficialmente em funcionamento; o sistema moderno de transporte que liga do Território ao continente chinês, em particular no seio do Delta do Rio das Pérolas, ou seja a ligação ferroviária e a rodoviária, está apenas em fase de projecto. Quanto ao *software* do porto franco, verifica-se também alguma imperfeição. Este porto franco não consegue dar resposta às necessidades do novo desenvolvimento económico, nem se fala das políticas ou medidas perspicazes de maior abertura ao desenvolvimento.

O regime do porto franco de Macau entrou em vigor em Novembro de 1845, medida então tomada para enfrentar a competitividade de Hong Kong que entretanto tinha passado a porto franco. Mas, ao longo de cerca de um século e meio, devido à falta do porto de águas profundas e à falta de um sistema de transporte de ligação terrestre com o interior da China, esta vantagem foi bastante limitada, não conseguindo evitar a decadência económica do Território. Actualmente não consegue aumentar com eficiência o estatuto económico de Macau, mesmo com o grande empenhamento do Governo de Macau no melhoramento das condições de investimento.

Assim, ao aperfeiçoar continuamente o regime do porto franco, a solução-chave da exploração das vantagens do mesmo consiste em resolver o problema da falta de um porto de águas profundas que permita o acesso de navios transoceânicos. Porém, sobre esta questão não se chegou a nenhum consenso: uns acham que se Macau se sujeita às limitações naturais dificilmente disporá de um porto de águas profundas; outros, porém, pensam que mesmo que disponha de um porto de águas profundas dificilmente o rentabilizará economicamente.

No que diz respeito à primeira questão, a profundidade nas imediações marítimas do Território não ultrapassa cinco metros. Mesmo no porto de Ka-Ó, zona de maior profundidade do Território, regista-se apenas cinco metros, o que somente permite a entrada de navios de 5 000 toneladas. A atracagem de navios superiores a dez mil toneladas exige um porto de profundidade superior a cinco metros. Mas, de acordo com opiniões de geógrafos, há soluções para Macau: ou explorar as potencialidades do porto de Macau ou construir um novo porto na RPC.

Por exemplo, o Professor Chui Junliang do Instituto de Estudos Geográficos dependente da Academia de Ciências da China sugeriu há dois anos a construção de um porto na costa oriental da Ilha de Coloane, com a construção de um dique. O subdirector do Instituto de Estudos de Hong Kong e Macau da Universidade de Chong San de Cantão, Profes

sor Cheng Tianchang, apresentou também no seminário que teve lugar no ano passado, em Foshan, relativamente às relações entre a Província de Cantão e Macau, a opinião da construção de um porto exterior na Ilha Tung O, da cidade de Zhuhai, por cedência. Opinião semelhante também já foi manifestada por especialistas de Macau.

Recentemente, um técnico da Macauport — Sociedade de Administração de Portos, S.A.R.L., apresentou duas hipóteses: construir ou um porto exterior numa ilha pertencente a Zhuhai, 12 km a leste do porto de Ka-Ó por cedência; ou um terminal marítimo giratório a 8 km a sudeste do porto de Ka-Ó, zona essa com maior profundidade.

Estas opiniões, e novas ideias, com carácter exploratório e construtivo, merecem o nosso estudo.

Relativamente à segunda questão, o problema da rentabilidade económica da construção e exploração de porto de águas profundas, em Macau, tem fundamento justificado.

Em relação ao primeiro grande porto mundial de cargas, Hong Kong, no ano anterior, houve a movimentação de 11 000 000 de contentores «standard», tendo ultrapassado a sua capacidade em cerca de 3 000 000. Mesmo que um dos terminais de contentores, o n.º 9, 10 e 11 entre em funcionamento, só pode suportar 1 000 000 contentores, os restantes têm que ser movimentados de outra forma. Além disso, prevê-se uma tendência de aumento ao ritmo de 1 000 000 a 2 000 000 de contentores ano. Por este motivo, o Director dos Serviços de Planeamento, Ambiente e Solos (*Secretary for Planning, Environment and Lands*), Leong Pouveng, opinou que a prosperidade do sector portuário da China, incluindo a entrada em funcionamento dos portos de Shekou e de Yim Tim, localizados na costa meridional da China, não afecta o papel que Hong Kong tem desempenhado como porto essencial no Sul da China. No entanto, verifica-se em Hong Kong a necessidade de criar mais portos de águas profundas, tendo em vista acompanhar o fluxo de aumento contínuo de cargas provenientes da China.

Mas voltemos às actividades de exploração do porto de Ka-Ó. Embora o seu funcionamento seja limitado pelas suas condições físicas, pouca profundidade e largura que permitem apenas o acesso a navios inferiores a 5 000 toneladas, o volume de carga que passa por este porto tem aumentado rapidamente com a inauguração da ligação marítima entre a Formosa e Macau, fruto do esforço da sua concessionária. Desde essa altura, tem-se movimentado mensalmente cerca de 1 000 contentores vindos da Formosa, dos quais 60 por cento vão para a China, notando-se ainda uma tendência de aumento.

Uma entidade do sector de navegação marítima do município de Zhongshan manifestou a seguinte opinião: a abertura da navegação marítima triangular de contentores entre Zhongshan, Macau e Formosa é uma boa notícia para os empresários formosinos que se encontram em Zhongshan e nas suas imediações. Actualmente, deste município vêm semanalmente a Macau dois navios com capacidade para 200 a 250 contentores «standard» para transportar exclusivamente cargas prove

nientes da Formosa. De facto, verifica-se uma diminuição de 30 por cento em termos do custo de transporte comparado com o terrestre.

O exposto demonstra que existe um aumento muito relevante na economia da China, em particular a do Delta do Rio das Pérolas, e que depende muito dos serviços de navegação marítima dos portos intermediários de Hong Kong e Macau, dependência essa que não vai diminuir durante um longo período com o desenvolvimento das actividades portuárias da China. Como o referido Director dos Serviços de Planeamento, Ambiente e Solos sublinhou: não basta ter um só porto, cujo funcionamento satisfatório exija uma articulação com outros serviços (incluindo os alfandegários), pois as instalações e os equipamentos de Alfândega e de embarque e desembarque dos contentores são muito importantes. Por isso, importa aperfeiçoar todo o equipamento do porto de cargas de Macau, para que as vantagens do seu *software* se tornem activas. Penso que será desejável um desenvolvimento quer da navegação marítima, quer aérea, tornando-se premente e imprescindível uma perfeita articulação do seu *hardware* e *software*.

O FACTOR GEOGRÁFICO

Macau situa-se no centro da zona de maior desenvolvimento económico do mundo, na periferia do Delta do Rio das Pérolas, zona de maior desenvolvimento da China, desempenhando o mesmo papel de Hong Kong, como que uma porta e ponte que se dirige ao Triângulo de Crescimento. Por isso, Macau recebe os reflexos do desenvolvimento económico da sua periferia e goza dos benefícios que vêm do Delta, podendo manter o seu contínuo desenvolvimento económico, graças à singularidade da sua localização geográfica, no Delta do Rio das Pérolas, nomeadamente a vantagem da proximidade com Zhuhai, ultrapassando as restrições da sua exígua dimensão e da carência de recursos. Porém, o planeamento para Macau exige uma nova visão e a longo prazo. Hong Kong é um exemplo de sucesso, assim como a Sociedade Industrial Ho Tin¹.

A experiência de Hong Kong merece a nossa consideração, porque a situação de Macau é semelhante à de Hong Kong. Nas duas últimas décadas, a indústria de Hong Kong, como pilar essencial da sua economia, foi desafiada por uma competitividade cada vez maior das regiões periféricas, enfrentando o problema da falta de mão-de-obra, custos elevados com salários, terrenos e inflação. No entanto, os empresários de Hong Kong consideram todo o Delta do Rio das Pérolas bem como toda a zona da China Meridional como a base do seu desenvolvimento, ao mesmo tempo, toda a China e toda a região Ásia-Pacífico como seu mercado interno. Assim, funcionando ao modo de *store in front of workshop*, transferiram todos os processos produtivos de mão-de-obra

¹ N.R. Referência a uma conhecida indústria de brinquedos de Macau.

intensiva para a China, as produções industriais também se realizam na China, enquanto os serviços de *marketing*, aquisição, *design*, estudo científico, garantias por meio de seguro, financiamento, transportes, armazenamento e de informações permaneceram em Hong Kong. De acordo com estimativas, sabemos que, de um modo geral, 80 por cento dos processos produtivos industriais de Hong Kong foram transferidos para a China (nos sectores do vestuário, plástico, curtumes e electrónica, 80 por cento, e no sector dos brinquedos 90 por cento). Só no Delta do Rio das Pérolas, existem mais de 23 000 empresas de investimento pleno e 80 000 fábricas de indústria transformadora implementadas pelos empresários industriais de Hong Kong, com 3 000 000 trabalhadores da China. Sabemos que o salário de um trabalhador da China corresponde apenas a um décimo do de um de Hong Kong, o que permite aos empresários de Hong Kong só em termos de salários pouparem 200 000 000 000 dólares de Hong Kong, aumentando a sua competitividade e contribuindo para a exploração de mercados para os produtos de Hong Kong, quer na China, quer no Sudeste Asiático. Por esses motivos houve uma alteração do tecido económico de Hong Kong, com transferência de actividades industriais para as de serviços, de um centro de indústrias transformadoras para um centro de serviços.

Existem empresários de Macau, tal como em Hong Kong, que desde longa data, se encontram sensibilizados para isso. Após a reforma e a abertura da China, a primeira empresa e o primeiro hotel de *joint-venture* com estrangeiros foram implantados em Zhuhai por comerciantes de Macau. Conforme os dados estatísticos da China, nos últimos dez anos, foram criadas na China cerca de 4 1 17 empresas de «*Três Investimentos*»² por empresários de Macau. Estes investimentos situam-se em quinto lugar logo após Hong Kong, Taiwan, Estados Unidos da América e Japão, ultrapassando o investimento o seu valor global de 4 300 000 00 dólares americanos. Além disso, nota-se um intercâmbio comercial muito frequente e muito íntimo entre o Território e o Delta do Rio das Pérolas, tendo no período compreendido entre 1987 e Junho de 1994 sido implantadas 2688 empresas de «*Três Investimentos*» na Província de Cantão por empresários locais, com o valor total previsto de 3 540 000 000 dólares americanos e com 967 000 000 dólares americanos já investidos efectivamente. O problema é que nós não explorámos os mercados chineses nem da Ásia-Pacífico como internos, nem efectuámos a reconversão do tecido sócio-económico do Território como Hong Kong, embora muitos dos processos produtivos tenham sido transferidos para a China.

É claro que esta questão está relacionada com as insatisfatórias condições geográficas e sujeita à subjectividade do pensamento da população quanto à realidade do Território. Nas duas últimas décadas,

² Capitais provenientes de estrangeiros, chineses ultramarinos e de *joint-venture*.

para manter o desenvolvimento económico, a sociedade deu um destaque fundamental à defesa do desenvolvimento industrial, nomeadamente na questão de reconversão e diversificação industrial, salvaguardando Macau como um sistema económico pequeno, mas completo, e como um centro de indústria transformadora. Esta ideia é compreensível. Fomos, porém, demasiado idealistas e irrealistas, comparando com a periferia que tem tomado medidas de reforma e abertura para captar investimentos e explorar mercados. A indústria de Macau e o seu desenvolvimento situam-se numa fase muito desfavorável e a sobrevivência da indústria tradicional de mão-de-obra intensiva depende, em absoluto, das contingências das exportações, enquanto que a indústria diferente de maior tecnologia é ainda inviável devido às restrições da dimensão económica e de financiamento. É óbvio que hoje em dia, em qualquer quadro económico da periferia de Macau, foram introduzidos mecanismos de mercado para alargar a rede de ligação com os mercados internacionais. Será necessário e possível manter o lugar nuclear da indústria no sistema económico de Macau e o modelo de diversificação ou deverá encontrar-se outro caminho para a indústria especializada com características próprias mediante os privilégios do factor geográfico?

Numa obra clássica de Adam Smith, um famoso princípio demonstra que a separação do trabalho é a única origem do desenvolvimento e prosperidade da sociedade. No entanto, a distribuição de trabalho entre territórios depende das limitações naturais e sociais em causa e do princípio da «complementaridade de privilégios».

Nitidamente, a economia de Macau deve caminhar para uma economia de serviços, visando capitais estrangeiros e da China, nomeadamente do Delta do Rio das Pérolas, economia esta que tem as suas características, baseada nas vantagens do Território e na complementaridade da economia dos serviços de Hong Kong. Por exemplo: as actividades financeiras, de comércio, de transportes e de informações podem ter por objectivo principal o desenvolvimento do Oeste do Delta do Rio das Pérolas, a União Europeia, os países e territórios latinos e a Formosa. Relativamente ao turismo, deve promover com maior destaque as originalidades do tradicional turismo de Macau e as características do encontro cultural luso-chinês. A economia de Macau pode prestar apoio logístico às empresas ocidentais e companhias inter-estatais que tencionem entrar no mercado chinês ou que se encontram já fixadas na China, bem como às organizações internacionais para a realização de seminários, actividades essas componentes essenciais do sector de serviços.

A indústria de Macau só pode desenvolver-se com base nas vantagens do factor geográfico, procurando, por um lado, reforçar os sectores de vestuário e brinquedos com bases sólidas, elevando o nível das tecnologias aplicadas e da gestão e conduzindo ao desenvolvimento de especialização, fabricando produtos como vestuário e brinquedos de Macau de marca internacional, de que o esforço da Sociedade Industrial Ho Tin é um bom exemplo. Por outro lado, deve reforçar as relações

cooperativas com Zhuhai e aumentar o espaço para o desenvolvimento industrial. A título de exemplo, a exploração da Ilha da Montanha pode ser um dos projectos de cooperação, para que esta ilha seja o núcleo da produção industrial de Macau. Esta sugestão já foi apresentada nas conferências sobre as relações entre a Província de Cantão e Macau, organizadas nos finais da década de 80 e nos inícios da década de 90, pela Associação de Estudos das Ciências Sociais de Macau e a Associação Conjunta de Estudos das Ciências Sociais, e que mereceu a consideração dos serviços da Província de Cantão. Ultimamente foi apresentada uma ideia sobre a Zona Económica de Ilhas da Montanha-Coloane, com base no aproveitamento das vantagens do factor geográfico.

Se estudarmos com maior profundidade os privilégios do factor geográfico de Macau, julgo que aparecerão muitas propostas frutuosas e construtivas.

A REDE COMERCIAL

O Território possui actualmente transacções comerciais com mais de uma centena de países e territórios, formando assim uma rede muito vasta. Por ela efectuam-se as trocas de produtos e ganham-se divisas; ao mesmo tempo, captam-se capitais estrangeiros e introduzem-se tecnologias, o que favorece a produção. Esta rede é vital para a economia de Macau, uma micro-economia peninsular, e tem uma ampla cobertura com longa história, com flexibilidade, gozando, comparativamente com outros, de maiores benefícios comerciais dos estados europeus e norte-americano. Esta rede que é, até ao momento, mais vantajosa do que a de Hong Kong, que ainda não a tem, nem existirá a curto prazo, no Delta do Rio das Pérolas, nem na China. Se esta rede for aproveitada e explorada da melhor maneira, trará muitos proveitos, nomeadamente uma maior abertura para Hong Kong e para a Formosa.

Devido aos factores geográficos e históricos, a relação inseparável entre Macau e Hong Kong visa «a unificação de Macau e Hong Kong». Com o decorrer do tempo, Hong Kong passou a ser o principal mercado dos produtos de Macau, a fonte essencial de capitais e tecnologia estrangeiros que entram no Território, na maior fonte dos turistas e entreposto de navios transoceânicos. Em 1994, entre os produtos importados por Macau, os produtos de Hong Kong situam-se em primeiro lugar, atingindo 5,14 mil milhões de patacas ocupando 30 por cento do total; enquanto 11,2 por cento dos produtos de Macau foram exportados para Hong Kong, que ocupa o quarto lugar nas exportações do Território. No total de 6 000 000 visitantes que entraram pelo Terminal Marítimo, 4 570 000 eram provenientes de Hong Kong, representando 76,7 por cento do total; das 2 240 000 ocupações dos hotéis, 1 440 000 foram de turistas provenientes de Hong Kong, o que representa 64,3 por cento do total. Os serviços de transporte intercontinental, quer marítimo quer aéreo, dependem praticamente só de Hong Kong. No que diz respeito aos serviços dos sectores financeiros, imobiliários e construção civil,

mantém-se sempre uma relação muito forte com o território vizinho. Quando falamos do capital estrangeiro investido em Macau, prevê-se que Hong Kong ocupe o segundo lugar logo a seguir à China. Quanto às encomendas das tecnologias de produção e de produtos, Hong Kong é o maior mercado fornecedor. Por isso, de certo modo, podemos afirmar que o desenvolvimento hoje alcançado por Macau depende absolutamente da prosperidade de Hong Kong.

Actualmente, o modo de potenciar e alargar as ligações com Hong Kong é uma questão que reveste uma importância muito significativa. Aqui gostaríamos de apresentar as duas seguintes propostas:

A primeira, a da adopção de uma atitude aberta com Hong Kong, nomeadamente em matéria de mercados, investimentos, créditos bancários, entrada e saída e fixação de residência, procurando eliminar todas as restrições aos seus residentes e investimentos e concedendo-lhes mais facilidades, medida essa que contribuiria para a captação de capitais de Hong Kong e de estrangeiros que investem em Hong Kong. Assim sendo, importa rever políticas e medidas vigentes, por exemplo: a política de fixação de residência dos habitantes de Hong Kong e a proposta apresentada por alguns agentes do sector imobiliário sobre a construção da ponte que liga Macau e a Ilha de Lantau de Hong Kong ou outras semelhantes que aproximassem os dois territórios devem merecer a nossa consideração e investigação.

Quanto à segunda, devemos adoptar uma política mais aberta, mais atractiva e com maiores facilidades nas entradas e saídas. Há indícios que mostram que os formosinos manifestaram grande interesse em investir em Macau e eles poderão ser os nossos potenciais parceiros económicos, especialmente agora com a abertura das carreiras marítimas de contentores e aéreas entre os dois territórios. As perspectivas são brilhantes. De facto, nos últimos anos, o peso da Formosa torna-se cada vez mais relevante na economia de Macau. Desde 1990 até 1994, os valores de exportação dos produtos locais para a Formosa aumentaram de 0,23 para 1,16 por cento, de 31 000 000 para 172 000 000 patacas, ou seja, durante três anos, cresceu 4,55 vezes. O número de turistas quase duplicou, aumentando de 78 854 para 164 771; a sua representação no total de turistas que entraram no Território pelo Terminal Marítimo passou de 1,33 para 2,77 por cento, o seu número de ocupação nos hotéis aumentou também de 40 755 para 67 149 indivíduos, um aumento de 64,68 por cento. Destaca-se também o consumo dos turistas formosinos em Macau, que consomem muito mais do que os de Hong Kong, formando o segundo grande consumidor, logo a seguir aos da Ásia-Sueste, com excepção dos provenientes da China. Sabemos que, em 1990, a média do consumo por turista em geral foi de 626,00 patacas e a do turista formosino de 1 087,44 patacas; em 1994, foram respectivamente de 909,10 e 1 404,20 patacas.

Em relação à Formosa, Macau tem que tomar a iniciativa de adoptar uma política de abertura como a seguida por Hong Kong nos domínios da imigração, fixação de residência, investimentos e interligação bila

teral, quer em comunicações, quer em transportes, medidas flexíveis, incentivos e facilidades, cujo resultado dependerá da eventual eliminação de interferências políticas.

Além disso, deve-se procurar ter na perspectiva económica e comercial um maior espaço de movimento desta rede, abandonando-se a atitude de descurar os mercados da China e da Ásia-Pacífico, que são hoje, internacionalmente, as regiões com maiores potencialidades e de mais rápido crescimento económico e considerados mercados locais por Hong Kong, o que deve ser seguido pelo Território.

O FACTOR HISTÓRICO

A vantagem do factor histórico de Macau refere-se ao interposto comercial entre a China e o Ocidente, que o Território desempenhava no passado, e à coexistência cultural entre o Oriente e o Ocidente, desde a sua abertura ao exterior, em particular como um porto importante que fazia parte da rota marítima da seda. Estes factores contribuíram, desde muito cedo, para uma rede internacional bastante alargada no domínio de intercâmbio quer comercial quer cultural, determinando a sua identidade e também as suas vantagens.

Por exemplo, o Município de Macau dispõe de fortes singularidades herdadas do encontro cultural entre o Oriente e o Ocidente, sendo um museu autêntico da História deste intercâmbio e mantendo uma relação típica e estreita com a União Europeia e a comunidade lusófona. O Território também é um parceiro muito diferente dos da União Europeia por ter celebrado acordos comerciais e cooperativos, que funcionam como um canal de diálogo e uma ponte propícia entre a China e a América Latina.

Há economistas que prevêem que, após o auge do rápido desenvolvimento económico que a Ásia vai atingir, o próximo será alcançado pela América Latina. Sendo assim, o privilégio do factor histórico permite ao Território fortalecer as suas potencialidades e a exploração deste privilégio recomenda não só a preservação como também um reforço do seu papel na conjuntura internacional. Nos últimos anos, houve especialistas que apresentaram sugestões sobre a criação de uma instituição de investigação da Ásia que se dedicará ao estudo da cultura latina/portuguesa, com o objectivo de explorar e desenvolver a comunidade latina, proposta essa muito construtiva.

CONCLUSÃO

Em suma, Macau dispõe de vantagens singulares para desenvolver a sua economia e a questão é como conhecê-las, aproveitá-las e explorá-las.

O esforço subjectivo de cada um, o papel essencial da Administração quanto à orientação de políticas, a eficiência administrativa e a aplicação das políticas e medidas relacionadas com o aproveitamento e exploração das vantagens de que o Território dispõe são importantes. Se

falhar este esforço eficaz e proveitoso de que o Governo desempenha um papel condutor, de acordo com a conjuntura e circunstâncias, a existência de vantagens não fará milagres.

